

## Identidade e Diálogo na sociedade contemporânea

Sílvia Regina Brandão<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta uma análise da sociedade contemporânea a partir do conceito cultura-mundo (LIPOVETSKY; SERROY) e suas implicações para a constituição da identidade pessoal e o estabelecimento de diálogo. No atual contexto cultural plural e fragmentado, que favorece a desorientação, torna-se imperativo a descoberta de si e a expressão dos posicionamentos pessoais para constituição de um autêntico e construtivo diálogo.

**Palavras Chave:** cultura-mundo, identidade, diálogo, sociedade contemporânea.

**Abstract:** This article presents an analysis of contemporary society from the concept of world-culture (LIPOVETSKY; SERROY) and its implications for the constitution of the personal identity and the establishment of dialogue. In the fragmented and plural current cultural context, that favors the disorientation, it becomes an imperative the discovery of the self and the expression of the personal positioning for the constitution of an authentic and constructive dialogue.

**Keywords:** world-culture, identity, dialogue, contemporary society.

A facilidade de comunicação e a valorização das manifestações individuais por meio das diferentes mídias podem dar a sensação de que estamos continuamente em contato com os outros, estabelecendo troca e diálogo. Entretanto, o que tem se verificado é o aumento da experiência de solidão e, ironicamente, de isolamento.

O desejo de diálogo e de encontro permanece mais vivo do que nunca, pois torna-se cada vez mais claro que os instrumentos técnicos eficazes não são capazes, por si, de assegurá-los. Algumas perguntas nascem como problemas e desafios a serem enfrentados: é possível dialogar no mundo contemporâneo? É realmente necessário o diálogo? Qual a contribuição dele para o âmbito pessoal?

Para enfrentar essas questões é necessário primeiramente compreender o contexto no qual elas se apresentam, em seguida as características antropológicas que constituem recursos para o homem enfrentá-las e, finalmente, alguns indícios de respostas a elas.

### 1. Cultura mundo

O ideal de autonomia e independência assumido na modernidade conquistou o homem desde então: ele se tornou senhor e árbitro de sua própria existência, não necessita e nem admite nenhuma referência ou fundamento exterior a ele. Qualquer ato é justificado e legitimado pelo próprio indivíduo: ele é independente, fundado em si mesmo e orgulha-se por ser capaz controlar e dominar o mundo.

Essa emancipação e exaltação do indivíduo foi ainda reforçada pelo fenômeno da “cultura-mundo” (Lipovetsky; Serroy, 2011), que dissemina em todo mundo uma maneira de viver e pensar baseada em quatro pilares que se potencializam: a cultura de mercado, a tecnociência, uma nova cultura do indivíduo e o hiperconsumo, trazendo novos problemas bem como desafios globais e existenciais.

---

<sup>1</sup>. Doutora em Educação pela Feusp. Professora das Faculdades Santa Marcelina.

A cultura mundo cobre um território muito mais vasto que a “cultura cultivada”, cara ao humanismo clássico. Além da cultura erudita e nobre, impõe-se a cultura ampliada do capitalismo, do individualismo e da tecnociência, uma cultura globalitária que estrutura de maneira radicalmente nova a relação do homem consigo e com o mundo. Uma cultura-mundo que não reflete o mundo, mas o constitui, o engendra, o modela, o faz evoluir, e isso de maneira planetária. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 11)

Segundo os filósofos franceses essa maneira de pensar global consolida-se nas últimas décadas do século XX, a partir do desencanto e destruição gerada pelas duas grandes guerras mundiais (a ciência, infelizmente, não promoveu apenas avanços e bem-estar) e da falência das utopias. Forma-se, então, um terreno fértil para a expansão da cultura de mercado, que providencia a satisfação e o prazer imediatos, focando-se no momento presente, sem necessidade de lutar por um futuro melhor: “eis-nos em uma cultura pós-revolucionária e ao mesmo tempo hipercapitalista. (...) O mercado coloniza cultura e os modos de vida.” (Lypovetsky e Serroy, 2011, p. 14)

Interessa aqui de modo particular um dos pilares da cultura-mundo: *a nova cultura do indivíduo*. Além de exaltar as características modernas – sujeito desenquadrado, liberto das imposições coletivas e comunitárias – ela propõe como ideal e princípio norteador a satisfação individual. A existência fica cada vez mais voltada para si mesmo, hedonista e narcísica, “*a vida a la carte*”, ao gosto do freguês que diante do mercado e do pluralismo cultural pode escolher o que mais lhe apetece.

O neoindividualismo contém dois aspectos importantes e aparentemente contraditórios: por um lado o *desinteresse pela política* fruto do crescente subjetivismo e da ilusão, promovida pelo mercado, de que o progresso e a felicidade se dá no âmbito privado. Observa-se, assim, uma descrença na política e, ao mesmo tempo, um avanço da cultura de mercado e dos valores do liberalismo. Por outro lado, frente ao pluralismo e fragmentação presentes na sociedade contemporâneas, o indivíduo *busca pontos de referência e pertencimento* em comunidades particulares, como por exemplo, grupos religiosos, étnicos, associações, organizações não governamentais. A liberdade para assumir vários perfis ou pertencer simultaneamente a diferentes “tribos” amplia as possibilidades de identificação e de escolha, exigindo, porém, um efetivo trabalho de verificação pessoal de cada uma das propostas oferecidas. Sem esse exercício e avaliação pessoal, experimenta-se a ampliação do desamparo e confusão.

Essa desorientação, esse desnorreamento estão experimentados pelo homem contemporâneo que, paradoxalmente, se encontra perdido na abundância de informação. Tal constatação parece ter sido profetizada por Heidegger ainda em meados do século XX quando afirmou:

Nenhuma época teve noções tão variadas e numerosas sobre o homem como a atual. Nenhuma época conseguiu, como a nossa, apresentar o seu conhecimento acerca do homem de um modo tão eficaz e fascinante, nem comunicá-lo de modo tão fácil e rápido. Mas é também verdade que nenhuma época soube menos que a nossa o que é o homem. Nunca o homem assumiu um aspecto tão problemático como atualmente. (HEIDEGGER apud MONDIN, p.8)

Desse modo, o homem contemporâneo apresenta-se cada vez mais frágil, voltado para si mesmo, dependente do mercado e do consumo, desorientado na

sociedade da informação, com dificuldades para avaliar e se posicionar diante dela. Nesse contexto, há espaço e sentido em encontrar o outro? Há disponibilidade para a escuta e a partilha de experiências? O diálogo interessa?

## 2. Ser pessoa

A insatisfação pessoal frente à lógica instrumental da cultura-mundo manifesta-se cotidianamente, apesar da forte e contínua publicidade para incrementar o mercado e manter o reinado do egocentrismo. A partir desse mal-estar buscam-se recursos pessoais para superar a desorientação: existem elementos que possibilitem à pessoa questionar e transcender os parâmetros da cultura-mundo?

O primeiro indício da presença de recursos, na própria estrutura do ser humano, é o incômodo, o sufocamento que por tantas vezes se experimenta frente à manipulação das necessidades e anseios pessoais. A desproporção que existe entre a satisfação oferecida pelo consumo e a profundidade da necessidade ou do desejo pessoal constitui um convite à escuta de si próprio, a debruçar com cuidado e demora o olhar sobre si.

Na verdade, a desorientação torna-se uma ocasião para sair da superficialidade, do imediatismo para mergulhar em águas mais profundas:

Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas, de qualquer modo, julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (ARENDRT, 2005, p. 223)

É somente por meio da reflexão e avaliação pessoal que se identifica os limites e equívocos da cultura de mercado, que enclausura o indivíduo em si mesmo, no âmbito do imanente e do utilitário. Esse juízo é possível àquele que não se furta às perguntas com as quais se depara e busca pessoalmente respostas a elas.

No encontro com o mundo, com o outro a pessoa descobre a si mesma, ali surge o “eu”, como consciência e como exigência. Exigência de conhecimento, de bem, de beleza, de justiça. Justamente para compreender, descobrir o sentido do que lhe acontece, o homem possui a *experiência elementar*, que é “um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe” (GIUSSANI, 2009, p.24). Deparar-se com esse nível mais elementar da experiência humana, esse núcleo de exigências é o maior recurso para orientação e enfrentamento de qualquer ideologia ou manipulação. Apropriar-se dessa bússola que é, ao mesmo tempo, motor já que gera todas as ações humanas, é uma escolha pessoal, que depende exclusivamente da liberdade da pessoa.

Nesse sentido, em tempos de cultura-mundo, frente à multiplicidade imensa de referências, diante da “fragmentação das paisagens culturais: de classe, gênero, etnia, nacionalidade” (Hall, 2006, p.9), já não faz sentido a imposição de normas, valores ou discursos. Qualquer defesa teórica de princípios ou preceitos, por mais justos que sejam, é inócua, pois se apresenta apenas como mais uma dentre as inúmeras propostas e ideais, que na maioria das vezes não são levadas em conta com seriedade. Como diz Arendt, em tempos de crise é preciso um julgamento direto, um posicionamento efetivo alcançado mediante a avaliação pessoal. A derrocada do formalismo, do seguimento cego às tradições, às imposições sociais, morais ou

religiosas proporciona uma ótima oportunidade para a descoberta de valores pessoais e para autenticidade da expressão deles.

Outra característica antropológica fundamental e facilmente identificável é dada pelo conceito de encontro (Quintás, 2004): *o homem é um ser de encontro*, ele nasce, desenvolve-se e realiza-se por meio do encontro. Essa experiência acontece mediante a troca, o enriquecimento mútuo. Romano Guardini explica:

O encontro é mais do que o contato fortuito das coisas e dos seres vivos, graças ao qual se produzem e se desenvolvem influências recíprocas pelas diversas formas de relação. (...) O encontro é uma coisa completamente diferente. Significa que o próprio homem se apresenta perante uma coisa ou um ser vivo, e sobretudo perante outro homem; que determina sua forma, conhece seu valor essencial, é ferido pelo seu poder... Nesse sentido, eu posso encontrar o mar ou uma árvore, posso encontrar um homem, até então para mim desconhecido, ou com quem tenha convivido já várias vezes. “Sou então ferido por um raio do seu ser”. Sou tocado pela sua ação. Mas a relação atinge a sua plenitude no momento em que o outro homem me encontra a mim. Então, dá-se um mútuo encontro, uma mútua determinação (GUARDINI, 1958, p. 33)

Encontrar significa algo além da mera relação com as coisas ou as pessoas: significa *situar-se diante delas*, reconhecê-las, descobrir seu valor, tomar uma posição em relação a elas. Cada ser porta um significado único, que pode ser descoberto e acolhido ou não. A abertura, a disponibilidade para ser atingido e marcado pelos seres do mundo, pelas coisas e pelas pessoas é uma característica natural do homem, que está muitas vezes adormecida ou embotada pelo ritmo acelerado ou pela lógica utilitarista na qual está submerso.

O encontro consiste na autêntica relação eu-tu, que só pode acontecer entre duas pessoas que subsistem em si e que se acolhem como tal; é necessário que cada uma delas conceba o outro como um ‘tu’ e não como um instrumento que pode ser colocado a seu serviço. “Está a pessoa, na forma de diálogo, essencialmente ordenada à outra pessoa. Está por natureza destinada a tornar-se o ‘eu’ de um ‘tu’. A pessoa fundamentalmente só não existe.” (Guardini 1963, p.180)

Há ainda outra característica idiossincrática que é uma provocação, um atrativo para a saída de si, para a abertura ao outro. Cada ser humano é *princípio, constitui uma possibilidade totalmente nova no mundo*. Como expressa poeticamente Guimarães Rosa: "Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!..." (ROSA, 1986, 412) A partir de seu nascimento e em todos os momentos de sua existência, o homem apresenta-se como potencialidade de um começo, de uma iniciativa única no mundo. Cada pessoa torna possível um modo de ser inteiramente novo, porque fundado em sua interioridade, em sua individualidade; ela é capaz de dar um novo início, de uma ação e criação inéditas, movidas por si mesma, isto é, por alguém que não existiu no passado e que não existirá no futuro, mas que existe precisamente nesse momento. É o próprio Guardini quem explica de forma perspicaz o princípio original que é o ser humano:

O homem, mesmo enquadrado no conjunto da natureza, é princípio em sentido estrito, princípio de movimento, origem de acontecimentos, ponto de partida de um devir. E é-o não apenas como a semente, que sendo princípio de uma série de fórmulas biológicas, em si, não é mais

que o produto de um indivíduo da mesma espécie, e que, por isso, é apenas uma fase de sua vida total. O homem é princípio, de uma maneira especial, simultaneamente cheia de sentido e de risco. De tal modo que cada indivíduo humano começa de novo a existência, e este começar realiza-se constantemente no seu viver em cada ação realmente livre. (GUARDINI, 1958, p. 21)

A pessoa como ser inédito, misterioso constitui um apelo, uma provocação para o outro encontrar valores e contribuições que podem ser interessantes, exatamente porque diversas, desconhecidas. Desse modo, o encontro, o diálogo apresenta-se como uma possibilidade atraente, conveniente, bela, necessária para cada um de nós.

### **3. Cultura do encontro**

A importância do diálogo e do encontro na o âmbito pessoal e cultural tem sido insistentemente ressaltada por uma voz cada vez mais reconhecida e, quem sabe, ouvida: a do Papa Francisco. Ele propõe a cultura do encontro como meio de ultrapassar os paradigmas reducionistas da cultura global do mercado.

Essa proposta não é apresentada apenas no nível teórico, como discurso; o que chama a atenção são suas iniciativas de ir constantemente ao encontro das pessoas, dialogar com elas e indicar que a Igreja Católica, enquanto instituição, faça o mesmo: descentralizar-se, ir às periferias existenciais.

Serão destacadas aqui três categorias para apresentar a cultura do encontro, que propõe por meio da relação entre identidade e diálogo responder aos desafios contemporâneos:

#### *Identidade e Diálogo*

Ao falar para os representantes da sociedade civil em Assunção, no Paraguai, Papa Francisco coloca os fundamentos da cultura do encontro:

Para que haja diálogo, é necessária uma base fundamental, uma identidade. É certo, eu penso, por exemplo, no nosso diálogo, o diálogo inter-religioso, onde representantes de diversas religiões nos reunimos para conversar. Reunimo-nos, às vezes, para falar... e há pontos de vista. Mas cada um fala desde a sua identidade: «Eu sou budista, eu sou evangélico, eu sou ortodoxo, eu sou católico». Cada um fala a partir da sua identidade. Não negocia a sua identidade. (...) Então eu, a partir desta identidade, vou dialogar. Se eu vou dialogar sem esta identidade, o diálogo não serve. Além disso, o diálogo pressupõe e exige de nós esta cultura do encontro. Ou seja, um encontro que sabe reconhecer que a diversidade não só é boa, mas necessária. A uniformidade nos anula, faz de nós autômatos. A riqueza da vida está na diversidade. Por isso, o ponto de partida não pode ser: «Vou dialogar, mas aquele ali está equivocado». Não, não podemos presumir que o outro está equivocado. Eu levo aquilo que é meu e vou escutar aquilo que o outro diz; aquilo que me enriquece no outro, aquelas coisas do outro que me fazem cair nas contas de que eu estou equivocado e aquelas coisas eu posso dar ao outro. É uma ida e volta, mas com o coração aberto. Se tenho presunções de que o outro está equivocado, é melhor ir para casa e não

tentar um diálogo, não é verdade? O diálogo é para o bem comum e o bem comum é procurado a partir das nossas diferenças, possibilitando sempre novas alternativas. Por outras palavras, busca algo de novo. (...) Dialogar não é negociar. Negociar significa garantir o meu pedaço. Ver como tiro proveito. Não, não dialogues, não percas tempo. Se tens esta intenção, não perdas tempo. Deve-se procurar o bem comum para todos. Discutir, pensar uma melhor solução para todos. (PAPA FRANCISCO, 2015)

De modo quase sempre coloquial o Papa trata de questões difíceis e fundamentais para o contexto atual. Destaca aqui de um tema central, objeto de estudo de tantos sociólogos e filósofos contemporâneos: a identidade. Diante do contexto globalizado, plural e fragmentado a busca e afirmação da identidade tornam-se essencial tanto para a realização pessoal como para a preservação das culturas particulares. Ele chama a atenção para a necessidade da apropriação dos valores pessoais e culturais, a coragem para comunicá-los e defendê-los como um bem. Interessante notar que a afirmação pessoal, o posicionamento não são obstáculos ao diálogo, mas condição para ele. Indica, assim, um caminho para resgatar e manter vivas as contribuições singulares de cada cultura no contexto globalizado, de preservar a identidade cultural na sociedade pós-moderna.

#### *Diálogo e conflito*

Outro aspecto aparentemente paradoxal, mas que pertence à natureza do diálogo é o conflito.

Muitas vezes esta cultura do encontro vê-se envolvida no conflito. (...) no diálogo tem lugar o conflito. E é lógico e previsível. Porque se penso de uma maneira e tu de outra, e vamos caminhando, criar-se-á um conflito. Não devemos ter medo. Não temos de ignorar o conflito. Ao contrário, somos convidados a assumir o conflito. Se não assumimos o conflito: «Não, isso é uma dor de cabeça, volta para a casa com a tua ideia, eu fico com a minha». Assim nunca podemos dialogar. Isto significa «aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo» (EG227). Dialoguemos: se existe conflito, eu o assumo, resolvo-o, e isso torna-se um enlace de um novo processo. É um princípio que tem de nos ajudar muito. A «unidade é superior ao conflito» (EG228). O conflito existe: é preciso assumi-lo, é preciso procurar resolvê-lo até aonde seja possível, mas com o objetivo de obter uma unidade que não é uniformidade, mas que é unidade na diversidade. Uma unidade que não cancela as diferenças, mas vive-as em comunhão por meio da solidariedade e da compreensão. (...) Ora bem, «estou disposto a receber isto?». Se estou disposto a receber, e a dialogar com isto, então sim sento-me para dialogar; se não estou disposto, é melhor não perder tempo. (Papa Francisco, 2015)

Nessa passagem ele oferece uma indicação para enfrentar a homogeneidade e a massificação tão presente na sociedade atual: não ter medo de descobrir a diferença e enfrentar as condições que obstaculizam a sua expressão. Para tanto, é preciso olhar um horizonte maior que a diferença e o conflito em si: a unidade, entendendo que essa não é consenso ou uniformidade. A perspectiva da unidade, de partilha fornece energia para buscar o entendimento e resolver o conflito. É curioso a posição clara e livre do

Papa frente a uma atitude de fechamento: ele enfatiza a decisão pessoal, não impõe o valor por si só – é preciso dialogar – mas reconhece e destaca a supremacia do posicionamento pessoal (“se não estou disposto, é melhor não perder tempo”)

### *Comunicação e encontro*

Ao enfrentar o tema das comunicações sociais o Papa aborda um dos elementos estruturantes da cultura-mundo que é a tecnologia, analisando como ela pode favorecer e potencializar a cultura do encontro:

Como pode a comunicação estar ao serviço de uma autêntica cultura do encontro? (...) Como se manifesta a «proximidade» no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais? (...) Apraz-me definir este poder da comunicação como «proximidade». Quando a comunicação tem como fim predominante induzir ao consumo ou à manipulação das pessoas encontramos-nos perante uma agressão violenta. (...) O próprio mundo dos *mass-media* não pode alhear-se da solicitude pela humanidade. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos *mass-media* é só aparente: só pode constituir um ponto de referência quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais. Tenho-o repetido já diversas vezes: entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de auto-referencialidade, não hesito em preferir a primeira. E quando falo de estrada penso nas estradas do mundo onde as pessoas vivem: é lá que as podemos, efectiva e afectivamente, alcançar. (PAPA FRANCISCO, 2014)

A metodologia empregada em seus discursos ou homilias é a colocação de perguntas, colocadas muitas vezes em primeira pessoa: também ele não se furta ao trabalho pessoal. É possível o encontro com o outro por meio das tecnologias digitais? Eu quero encontro o outro? O que significa estar próximo a ele? Desse modo aproxima cada pessoa do tema, estimulando-a a examinar a questão. Tanto no âmbito pessoal quanto no Pessoalmente e institucional o Papa Francisco tem escolhido o diálogo e o encontro, por mais resistência e conflitos que isso gere. Sair ao encontro do outro, do diferente, lá onde eles estão para estar próximo e crescer com ele.

Finalmente, é interessante destacar a categoria de *processo*: ao encontrar o outro se abre um processo que pressupõe a diferença e o conflito, inaugura caminhos a serem percorridos no tempo e do modo que se revelarem necessários. O processo inclui o outro, conta com a contribuição dele é o inverso da defesa incondicional de valores ou do enfrentamento direto para impor princípios. O processo pressupõe a transformação que se dá num tempo e numa medida que se descobre junto, por meio do encontro e do diálogo:

Deus manifesta-Se numa revelação histórica, no tempo. O tempo inicia os processos, o espaço cristaliza-os. Deus encontra-Se no tempo, nos processos em curso. Não é preciso privilegiar os espaços de poder relativamente aos tempos, mesmo longos, dos processos. Devemos encaminhar processos, mais que ocupar espaços. Deus manifesta-Se no

tempo e está presente nos processos da História. Isto faz privilegiar as ações que geram dinâmicas novas. E exige paciência, espera. (Papa Francisco, 2013)

## **Bibliografia**

ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2003

GUARDINI, R. *Liberdade, Graça e Destino*. Lisboa, Áster, 1958

\_\_\_\_\_. *O Mundo e a Pessoa. Ensaio para uma doutrina cristã do Homem*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1963.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

LIPOVETSKY, L.; SERROY, J. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MONDIM, B. *O homem, que ele é?: elementos de Antropologia Filosófica*. São Paulo, Paulus, 1997

QUINTÁS, A. *Inteligência criativa e a descoberta pessoal dos valores*. São Paulo: Paulinas, 2004.

ROSA, J. G. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 412.

## **Webgrafia**

PAPA FRANCISCO *Encontro com os representantes da sociedade civil*. Paraguai, 2015 [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco\\_20150711\\_paraguay-societa-civile.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150711_paraguay-societa-civile.html)

PAPA FRANCISCO. *Mensagem para o XLVIII dia mundial das comunicações sociais*. Vaticano, 2014 [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)

PAPA FRANCISCO. *Entrevista à revista Civiltà Cattolica*, 2013 [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadaro.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html)

Recebido para publicação em 07-09-15; aceito em 02-10-15